

Palmares de Zumbi (2019): narrativa híbrida de história e ficção – por uma ressignificação do passado de luta pela liberdade

Palmares de Zumbi (2019): hybrid narrative of History and fiction for a remeaning of the past of struggling for freedom

Rosângela Margarete Scopel da Silva*
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel, Paraná, Brasil

Carla Cristiane Saldanha Fant**
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel, Paraná, Brasil

Celeste Maria Pacheco de Andrade***
Universidade do Estado da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Luciane Thomé Schröder****
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel, Paraná, Brasil

Resumo: No presente texto propomos uma análise da narrativa juvenil *Palmares de Zumbi (2019)*, de Leonardo Chalub, como produção literária híbrida de história e ficção voltada à ressignificação do passado pelas vias da arte literária, adequando-se às características do denominado romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017). Tal proposta objetiva revelar, tendo como recorte o contexto da escravização, como a literatura juvenil, principalmente a produção contemporânea, acresce representatividade às classes marginalizadas, muitas vezes apagadas dos registros históricos oficiais e tratadas pejorativamente como minorias. Neste processo de leitura literária, destacam-se obras juvenis híbridas voltadas ao contexto do Quilombo do Palmares, mais especificamente a que se refere à luta pela liberdade, de modo a destacar figuras invisibilizadas pela historiografia tradicional, dando foco a vozes marginalizadas, a partir de uma perspectiva “vista de baixo” (SHARPE, 1992). Respalda-mos, nesta análise, em teóricos que problematizam sobre a necessidade de descolonização do pensamento pelas vias da decolonialidade (COLAÇO, 2012), Fleck (2017), Sharpe (1992). Os resultados deste estudo demonstram que muitas narrativas ficcionais juvenis contemporâneas corroboram as reflexões sobre a não neutralidade de discursos, os quais circulam e expressam o jogo de poder com relação à hegemonia europeia, à colonização e ao sistema escravista, apontados por Fleck (2017) como inerentes ao romance histórico contemporâneo de mediação. Tais elementos podem, assim, apontar para vias de descolonização na formação leitora da Educação Básica.

Palavras-chave: Narrativa híbrida. História e ficção. Liberdade e luta. Literatura juvenil. Formação Leitora.

Abstract: In the present work we propose an analysis of the juvenile narrative *Palmares de Zumbi (2019)*, by Leonardo Chalub, as a hybrid literary production of history and fiction aimed at the re-signification of the past through the ways of literary art, adapting to the characteristics of the so-called contemporary historical novel by mediation. This proposal aims to reveal, taking the context of enslavement as a cutout, how youth literature, especially contemporary production, adds

* Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Membro do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: rosangela.margarete@hotmail.com.

** Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Membro do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: ccsfant@gmail.com.

*** Doutora em História: História Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: candrade@uneb.br.

**** Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), docente do curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Marechal Cândido Rondon, e dos cursos de Pós-graduação em Letras, nível de mestrado e doutorado (PPGL) e do Mestrado Profissional em Letras (Proletras) da mesma universidade, campus de Cascavel. E-mail: ltschroder@gmail.com.

representation to marginalized classes, often erased from official historical records and treated pejoratively as minorities. In this process of literary reading, hybrid juvenile works focused on the context of the Quilombo do Palmares stand out, more specifically the struggle for freedom, in order to highlight figures made invisible by traditional historiography, focusing on ex(centric) voices, from a perspective “view from below” (SHARPE, 1992). We rely, in this analysis, on theorists who problematize the need for decolonization of thought through decoloniality (COLAÇO, 2012), Fleck (2017), Sharpe (1992). The results of this study demonstrate that many contemporary youth fictional narratives corroborate reflections on the non-neutrality of discourses, which circulate and express the power game in relation to European hegemony, colonization and the slave system, pointed out by Fleck (2017) as inherent in the contemporary historical novel of mediation. Such elements can, therefore, point to ways of decolonization in the formation of readers in Basic Education.

Keywords: Hybrid narrative. History and fiction. Freedom and fight. Youth literature. Reader training.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo visamos desenvolver um estudo comparativo entre as relações estabelecidas na narrativa híbrida de história e ficção *Palmares de Zumbi* (2019), de Leonardo Chalub, com as características do romance histórico contemporâneo de mediação, a fim de evidenciar a presença de uma configuração ficcional decolonial da luta dos povos escravizados na obra de Chalub (2019). O tema que se impõe nesse sentido trata dessa luta pela liberdade, mas, também, da sua permanência materializada no espaço do quilombo, que, simbolicamente, mais que um refúgio, fez-se território de acolhida, junção de luta e de conquista.

Da história, emerge em destaque um nome e uma identidade, a de Zumbi de Palmares. Ele foi um dos líderes de um dos maiores quilombos do país, denominado Quilombo de Palmares¹ – símbolo de resistência contra a Coroa Portuguesa em defesa dos escravizados que fugiam do trabalho desumano e das torturas nas fazendas da época colonial e imperial brasileira.

Segundo o historiador Hiran (2020), num quadro descritivo que aos olhos de hoje fala de um impossível, os escravos, cuja fuga fosse fracassada, tinham impressos em seus corpos as marcas de uma derrota que determinava o seu pertencimento a um outro sujeito: ter um olho extraído ou vazado a ferro, ou ainda, o decepamento do nariz, de uma orelha, de uma das mãos ou de um dos pés. Esses eram gestos de inscrição da destituição da alma daqueles corpos, que, no processo de desumanização imposto pelos membros da Coroa Portuguesa, concebiam os escravizados como corpos ‘ocós’. Mas, caso os escravizados conseguissem chegar ao quilombo, juntavam-se a outros sujeitos livres da violência, cujo processo de escravização, que os reduzia à condição de mercadoria, já não os alcançava. Entre a possível morte marcada pela violência física que os assolava no caso de uma fuga sem sucesso, a chegada ao quilombo era a primeira batalha vencida. Assim, pela negação de homens que se inscreveram na história, Palmares chegou a reunir de 20 a 30 mil pessoas. Suas 11 povoações tinham a propriedade da terra de forma coletiva, assim como os instrumentos de trabalho, as oficinas e as casas. Eis uma história a ser lida, a ser ouvida e a ser ressignificada.

Nesse contexto, entendemos que as narrativas híbridas de história e ficção da literatura juvenil brasileira podem ser usadas como um recurso essencial à formação do leitor literário decolonial, aquele que, progressivamente, apropria-se da compreensão e da interpretação de textos variados, sempre que exposto à sensibilidade do traço literário e conduzido a adentrar, sem melindres, às significações polissêmicas da arte literária. Esse leitor, será conduzido a encaminhamentos de leitura literária para além das formalidades que comumente regem o seu ensino na escola, para compreender que a sociedade brasileira hodierna é resultado de século de

¹ O Quilombo de Palmares localizava-se na Capitania de Pernambuco e, atualmente, essa região encontra-se entre os estados de Pernambuco e Alagoas, a “cerca de 120 quilômetros do litoral, encontram-se em local privilegiado, onde tem uma visão de todo o entorno: rios, trilhas e serras, com uma infinidade de frutas, ótima terra para plantio, cercado por águas limpas e onde havia uma abundância de palmeiras – originando o nome ‘palmares’. Essa região ficou conhecida por Serra da Barriga, localizada entre as atuais cidades de Sirinhaém (PE) e Viçosa (AL)” (VALADA, 2020, p. 17).

colonialismo que deixaram profundas marcas visíveis na estratificação social, nas ideologias e nos gestos discriminatórios e racistas que ainda se manifestam em muitas ocasiões em nossos dias.

O objetivo dessa leitura literária decolonial é desenvolver habilidades leitoras não mecânicas, mas corajosas e ressignificadoras, que possibilitem a compreensão do que se lê e, desse modo, possam expandir a visão do leitor em formação sobre os aspectos peculiares do texto literário. Esses traços de literariedade inerentes à arte que se vale das palavras para sua constituição são os que permitem entender os processos de manipulação da linguagem como material do qual se constitui a arte literária. O leitor decolonial em formação, ao se dar conta dessa possível manipulação da linguagem na literatura também pode estender esse conhecimento aos demais textos que lê, se for ensinado a fazer isso, já que todos os textos são, da mesma forma, expressões de linguagem que foram ideologicamente formatados. Trata-se de olhar para as especificidades do texto literário com o rigor e o respeito que ele requer, ao passo que a mediação do ensino deixa em aberto o diálogo com outras produções para que se possa ensinar o aluno-leitor a interrogar as verdades nelas inscritas: a questioná-las e a ousar a se perguntar: como essa obra/texto significa?

Ao proporcionar a leitura de *Palmares de Zumbi* (2019), de Chalub, como leitura literária em sala de aula, o professor abrirá espaços para que os estudantes conheçam o período de escravização de africanos no Brasil, entre os séculos XVI e XIX, um processo que ocorria por meio do tráfico humano para a manutenção do sistema colonialista, que se instalava no território, estendendo-se da colônia até o segundo reinado. Por meio da arte literária, o leitor poderá conhecer esse período histórico brasileiro e refletir sobre atos e fatos apresentados na ficção que conduzem o leitor a questionar, inclusive, a sociedade atual, que ainda apresenta os resquícios das ações desse período.

Le Goff (1996, p. 110) considera que

[...] as estruturas de poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes, ao deixarem voluntariamente ou não, *testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder de perpetuação deve ser reconhecido e desmontado.* (grifos nossos).

Assim, acreditamos na potencialidade das narrativas híbridas de história e ficção como vias ao pensamento decolonial, que podem servir de impulso para questionar a história tradicional e a constituição da sociedade, tanto no passado quanto na atualidade.

A leitura literária de uma narrativa híbrida de história e ficção na sala de aula poderá servir de provocação para que o professor levante debates sobre a chamada escravização contemporânea, a partir das notícias que circularam e circulam nas redes sociais e nos meios de comunicação sobre o flagrante de trabalho análogo à escravidão em empresas brasileiras. Ele pode encontrar, por meio dessa prática leitora, um espaço de desconstrução que lhe propicie a construção de novos sentidos para a realidade social na qual seus alunos estão inseridos.

Para isso, a narrativa ficcional híbrida constituir-se-á no ponto de partida para tratar da atualidade, acenando a uma forma de entender que determinados comportamentos e ações colonialistas permanecem vigentes, como é o caso da manutenção do trabalho análogo ao escravo em pleno século XXI. O trabalho desenvolvido na educação básica com essa tipologia de narrativas híbridas propicia aos leitores em formação a possibilidade de que seja estabelecida, por exemplo, a relação entre Palmares, como símbolo de resistência e libertação, e a ação do Ministério Público Federal do Trabalho (MPFT), como fiscal da lei, ou seja, reconhecer que todos(as) precisam proteger o que determina a Constituição Federal de 1988, que tem entre os seus princípios a igualdade entre todos(as) brasileiros(as) para além de um discurso que figura no papel.

Para o alcance do objetivo deste artigo, propomos a sua divisão em quatro subseções, as quais, apesar de separadas metodologicamente, complementam-se na tessitura deste estudo. A primeira é intitulada “A narrativa *Palmares de Zumbi* (2019), de Leonardo Chalub”; a segunda, “A linguagem literária: vias para a decolonialidade”; a terceira, “Aproximações entre a obra de Chalub

(2019) e as características do romance histórico contemporâneo de mediação” e o passo imediatamente seguinte aos apontados são as “Considerações Finais”, momento no qual o estudo presta conta de seu caminho percorrido nesta escrita e algumas afirmações podem ser tecidas sobre a importante entrada das narrativas híbridas de história e ficção na sala de aula como um passo à possibilidade de ressignificação dos discursos sobre a história do nosso país.

1 A NARRATIVA *PALMARES DE ZUMBI* (2019), DE LEONARDO CHALUB

Nesta seção, procedemos a uma breve descrição da obra de Chalub (2019) de modo a situar o leitor a respeito da diegese para que, mais à frente, os recortes trazidos para a análise sejam facilmente contextualizados. Informações básicas sobre o relato híbrido em tela são, pois, aqui mencionados.

A tessitura narrativa de *Palmares de Zumbi* (2019) apresenta em sua diegese a luta dos escravizados pela liberdade no Brasil em 1667. Ao iniciar a leitura, o leitor depara-se com a personagem de extração histórica Francisco², um menino de 12 anos de idade, negro, que havia sido capturado ainda muito jovem e criado na casa paroquial. Isso lhe propiciou uma formação não convencional em relação aos outros meninos que viviam na mesma condição. Além de aprender a ler e a escrever em português e latim, aprendeu palavras dos idiomas indígenas que falavam as crianças com quem convivia. Aos poucos, Francisco vai demonstrando uma autonomia que lhe permitia realizar ações que passaram a destacá-lo dos demais. Isso se dava por suas habilidades físicas e cognitivas. E, junto delas, emerge a compreensão da sua situação e das questões que o rodeavam.

O sonho de alcançar a liberdade passou, então, a ter por objetivo a fuga da casa paroquial. Tal desejo acentuou-se na personagem quando assistiu um feitor açoitando um homem escravizado até a morte. Concomitantemente a esse evento, chegam à cidade outras personagens de extração histórica reconhecidas, dentre as quais Jorge Velho³ e seus homens. Eles eram conhecidos pela sua crueldade ao capturarem escravizados que fugiam dos engenhos.

A partir desse momento do relato, a personagem Francisco esperava o padre e as outras crianças dormirem para que pudesse, secretamente, observar os movimentos desses homens no vilarejo. Em vigília, o menino esperava pela ocasião de planejar uma maneira de fugir em companhia deles, pois sabia que os feitores conheciam muito bem o ambiente. Então, aproveitou o dia em que um dos feitores se suicidou e que Velho estava cuidando dessa situação para correr o máximo que podia em direção à mata e continuar desbravando-a. No entanto, sem sucesso, foi capturado e levado como escravizado a um engenho.

² A historiografia mostra que Francisco nasceu no ano de 1655, na Serra da Barriga, dentro do Quilombo de Palmares, mas foi capturado ainda bebê em uma das primeiras expedições contra o Quilombo, enviada pelo governador Francisco Barreto e liberada por Brás da Rocha Cardoso, um dos mais respeitados comandantes militares da época. Segundo os estudos de Décio Freitas, em seu livro *Palmares: A guerra dos escravos* (1984), a expedição capturou diversos quilombolas, adultos e crianças, e uma dessas crianças era um bebê de poucos dias que foi entregue a um chefe das colônias de Porto Calvo, em Alagoas, organizada pelo poderoso clã da família Lins. Essa família resolve dar o pequeno bebê de presente a um padre português, muito respeitado na região, o padre Antonio Melo. (VALADA, 2020, p. 33).

³ Domingos Jorge Velho, segundo a historiografia, foi um bandeirante paulista, que, apesar de ficar conhecido como o caçador de índios, não dedicava seu trabalho exclusivamente à perseguição desses povos. Em 1687, ele aceitou um pedido de João da Cunha Souto Maior, então governador de Pernambuco, para que ele se unisse com as suas tropas e dizimasse os escravizados dissidentes que formavam o Quilombo de Palmares. Depois de acertar os últimos detalhes do contrato, ele partiu, em 1691, para atacar os quilombolas. O grupo de escravizados resistiu, mas o alçoz conseguiu sair vitorioso do confronto quatro anos depois, em 1695, com a morte de Zumbi dos Palmares. Acredita-se que mais de 15 mil quilombolas lutaram ao lado dos Palmares. Por seus feitos, Domingos Jorge Velho foi honrado como mestre de campo no governo de Estevão Ribeiro. Até seus últimos dias de vida, ele ficou conhecido por servir aos interesses dos grandes proprietários em detrimento de vidas de indígenas e escravos. (PREVIDELLE, 2020, p. 09).

Na fazenda para onde fora levado, passou a observar os outros homens praticando a capoeiragem e se destacou dos demais por ser alfabetizado, o que fez com que fosse trabalhar na casa grande. Estando lá, foi designado a fazer as compras na cidade. Contudo, diante da educação que recebera e da forma como criticamente avaliava a sua condição de escravizado, continuava sonhando com a liberdade, pois não podia se conformar a viver escravizado.

Já adolescente, ainda na casa grande, começou a fazer furos discretos nas paredes para que o barulho do vento assustasse os moradores e, sempre que um escravizado falecia, movia objetos da casa, para que os habitantes da casa fossem tomados de algum medo e espanto. Isso fez com que os donos das terras voltassem à cidade e abandonassem a vida no engenho. Assim, coberto de coragem, chegou o dia em que conseguiu distrair os feitores e libertar seus semelhantes que puderam lutar com os homens que os vigiavam. Correu, junto com os demais, no sonho de chegar a Palmares, para se encontrar com os homens chamados de guerreiros de Palmares, a quem Francisco passou a admirar pela forma como praticavam a capoeiragem e pelas estratégias de fuga que haviam desenvolvidos.

Desde já, chamamos a atenção para a personagem Francisco, que, de posse dos poucos recursos articulados com a sabedoria daqueles que pensam e intervêm no mundo, já anunciava um posicionamento de oposição e enfrentamento ao domínio da escravização, o que viria a constituir condições para o planejamento de ações com o objetivo de alçar a sua própria liberdade.

Somente a partir desse momento da narrativa é que o leitor compreende que o menino Francisco se tornou o jovem Zumbi, nome dado a ele por outro escravizado que observava seus passos e o ajudava quando havia chegado ao engenho.

Nessa obra, a diegese vai sendo apresentada ao leitor por meio de um narrador extradiegético, com voz enunciativa heterodiegética, isto é, aquele que apresenta a narrativa e não faz parte dela, pois se posiciona externamente aos eventos narrados⁴. Dessa forma, esse narrador apresenta ao leitor a chegada do jovem Zumbi a Palmares, a descoberta de que se tratava do filho sequestrado de Sabina, irmã de Ganga Zumba⁵, líder de Palmares. Assim, o leitor é apresentado ao Francisco/Zumbi, neto de Aqualtune, patriarca de Palmares, local que ficou conhecido como o maior quilombo do Brasil. Nesse local, Zumbi foi se tornando guerreiro; também ali, conheceu sua companheira, Sabina e se tornou um grande líder para todos(as) aqueles(as) que foram escravizados(as).

Destacamos que na tessitura narrativa de Chalub (2019), Sabina, Ganga Zumba, Aqualtune e Velho são, também, personagens de extração histórica, isto é, eles fizeram, de fato, parte desse momento histórico recriado pela ficção, evento do passado brasileiro em que os povos escravizados começaram as lutas para serem libertados. Chamamos a atenção ainda ao personagem Elório. Esse personagem é uma construção ficcional metonímica, pois sua existência não tem comprovação histórica, mas representa a todos(as) os(as) outros(as) escravizados(as) que tinham características como as de capoeirista, silencioso, observador e respeitador, conhecedor da natureza, habilidoso ao caçar, e, principalmente, disposto a lutar para fugir da escravização.

Os eventos da narrativa híbrida de história e ficção se passam, inicialmente, no vilarejo em que o menino Francisco/Zumbi foi alfabetizado e catequizado, depois desloca-se para o engenho

⁴ Para compreensão do termo “extradiegetico”, de Genette (1979), mencionamos que esse se referente ao nível externo, estando o narrador distanciado dos fatos, com uma voz enunciativa heterodiegética, não fazendo parte do universo narrativo como personagem. Essa voz relata as ações na terceira pessoa, sabe de tudo. Para essas informações, ancoramo-nos em Gérard Genette, em sua obra *Discours du récit* (1972) – (GENETTE, GÉRARD. *Discurso da Narrativa*. Tradução de Maria Alzira Seixo, Arcádia: Lisboa, 1979).

⁵ Ganga Zumba era filho de Aqualtune, pertencente a uma família real do Congo, que foi capturada e trazida para o Brasil para o trabalho escravo. Ao saber de Palmares, fugiu para o Quilombo onde teve seu filho. Já em Palmares foi líder de um Mocambo que levava seu nome e trouxe muito das raízes africanas para Serra da Barriga, e Ganga Zumba desde criança já participava da organização do povoado. Ele se torna o primeiro grande chefe do Quilombo dos Palmares, por volta de 1670, aclamado por todos os palmaristas, chamados por muitos de grande pai. Seu papel como grande chefe do Quilombo dos Palmares vai até o ano de 1678. (VALADA, 2020, p. 25).

e, finalmente, situa-se em Palmares. Nesses territórios/ espaços, as habilidades físicas e a inteligência do jovem Zumbi vão sendo testadas ao limite, pois ele precisa vencer as agruras que esses locais vão impondo não apenas a Zumbi, mas a todos que lutavam para ali sobreviver.

Para finalizarmos essa breve diegese, devemos registrar que a obra é de autoria de Leonardo Chalub. O autor é formado em cinema e em publicidade pela Universidade Federal de Minas Gerais, estreou como escritor com o livro *Palmares de Zumbi*, ilustrado em xilogravura de Luís Matuto. A obra recebeu o Prêmio Jabuti Juvenil em 2019, ano da primeira publicação.

Na sequência, passamos à análise de excertos da obra que trazem em sua essência reflexões em torno das peculiaridades da linguagem literária que, permeada de simbologias, metáforas e recursos escriturais que a caracterizam como ficcional, possibilita ao leitor professor/aluno condições de retomar o contexto histórico dos acontecimentos para, quiçá, ressignificá-los à luz dos estudos da decolonialidade.

2 A LINGUAGEM LITERÁRIA: VIAS PARA A DECOLONIALIDADE

O texto literário apresenta, em sua construção, uma espécie de funcionamento histórico e social, pois é produzido por um autor, inserido em uma determinada época e em um local específico e que – ao escrever, idealizando seu possível leitor/interlocutor – é afetado pelo que lhe escapa e pertence aos domínios da ideologia. Na América Latina a literatura sempre esteve atrelada aos movimentos políticos e sociais, pois, conforme explicita Doris Sommer, em sua obra *Foundational Fictions*⁶ (1991), no período das independências, a produção de romances exaltadores de eventos e de sujeitos modelos serviam ao objetivo de consolidar os projetos patrióticos nacionais. Segundo a estudiosa,

[...] in the epistemological gaps that the non-science of history leaves open, narrators could project an ideal future. This is precisely what many did in books that became classic novels of their respective countries. The writers were encouraged both by the need to fill in a history that would help to establish the legitimacy of the emerging nation and by the opportunity to direct that history toward a future ideal. (SOMMER, 1991, p. 7).

São essas as produções que Fleck (2017) classifica como integrantes do grupo acrítico e pertencentes à modalidade tradicional do romance histórico, pois neles há a confluência harmoniosa do discurso historiográfico tradicional e a intenção laudatório da literatura para exaltar o passado, mantendo muitas das premissas do colonialismo vigentes nas novas sociedades que aqui se fundaram. Outros projetos estéticos surgiriam com o passar do tempo e tais projetos estéticos decoloniais vão, segundo expressa Aínsa (1991, p. 31), “[...] *buscar entre las ruínas de una historia desmantelada por la retórica y la mentira al individuo auténtico perdido detrás de los acontecimientos, descubrir y ensalzar al ser humano en su dimensión más auténtica*”⁸.

Em se tratando de *Palmares de Zumbi* (2019), direcionado aos leitores juvenis, é importante destacar que as questões pertinentes à manipulação artística da linguagem contribuem para a formação de um cidadão leitor decolonial capaz de reconhecer os movimentos das ideologias que circulam à sua volta, muitos delas ainda como reminiscências do colonialismo. O estudo da obra na perspectiva em tela deseja, justamente, fazer o leitor transcender aos sentidos cristalizados de

⁶ Ficções de Fundação.

⁷ Nossa tradução: [...] nas lacunas epistemológicas que a não ciência da história deixa em aberto, os narradores poderiam projetar um futuro ideal. Isso é, exatamente, o que muitos fizeram em livros que se tornaram romances clássicos de seus respectivos países. Os escritores foram encorajados tanto pela necessidade de preencher uma história que ajudaria a estabelecer a legitimidade da nação emergente quanto pela oportunidade de direcionar essa história para um ideal futuro. (SOMMER, 1991, p. 7).

⁸ Nossa tradução: Buscar entre as ruínas de uma história desmantelada pela retórica e a mentira ao indivíduo autêntico perdido por trás dos acontecimentos, descobrir e preconizar o ser humano na sua dimensão mais autêntica.

modo que o jovem leitor em formação possa experienciar uma leitura menos ingênua e mais crítica sobre o passado, ou seja, uma leitura decolonial que evidencie as marcas da colonialidade ainda presentes em nossa sociedade. Para isso é necessário lembrar-nos de que, segundo Mignolo (2017, p. 13), “[...]a ‘colonialidade’ equivale a uma ‘matriz ou padrão colonial de poder’, o qual ou a qual é um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade.”

A partir disso, podemos lembrar-nos de que, segundo a concepção exposta por Bakhtin (2003, p. 100), “a linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante [...].” Desse modo, acreditamos que a linguagem literária em Chalub pode ser utilizada como forma de revisitar elementos do passado, ressignificando-os e estabelecendo uma maneira de constituição de decolonialidade⁹, uma vez que, nela, faz-se o uso da palavra, voltada aos jovens leitores, para desmitificar fatos, atos e elementos da história no que diz respeito à resistência do povo escravizado contra a Coroa Portuguesa e em defesa da liberdade, representada na personagem Zumbi que, na atualidade, é vista e analisada por diversos prismas e que, na tessitura ficcional de Chalub (2019), ganha mais uma vertente.

Nesta seção, buscamos apresentar aspectos que permitem observar como é possível lançar um olhar a partir dos estudos decoloniais à obra. Por exemplo, na referência ao simbolismo dos espaços em cena, na explicitação de mais de uma etnia africana; os aspectos da língua(gem) e nos simbolismos implicados na dança de capoeira.

O ponto de partida desse processo decolonial, no relato ficcional de Chalub (2019), dá-se ao se estabelecer a revisitação do território, representado por meio da senzala, da casa-grande e dos mocambos que pertenciam ao Quilombo de Palmares, com estratégias constantes para libertar os seus e se manter livre. Ele deixa à mostra o Mocambo não como lugar fragilizado ou desprovido de uma estrutura, pelo contrário, ele se mostra assentado e bem constituído para além dos aspectos materiais, pois o que fica na evidência dos sentidos é a constituição de uma intelectualidade encontrando, ali, o espaço para o seu desenvolvimento. É o que podemos observar no seguinte excerto:

O Mocambo de Zumbi passou a ser um lugar de produção de conhecimento, no qual as crianças eram educadas em espaços dedicados ao aprendizado, e os adultos, incentivados a criar e inovar. Ao mesmo tempo que a resistência de palmares se tornava mais sólida, os ataques de tropas portuguesas eram cada vez mais frequentes. Em alguns mocambos, a guerra era constante. (CHALUB, 2019, p. 106).

Essa visão que está em Chalub, poderá levar os interlocutores a compreenderem alguns acontecimentos desse período por meio de reelaborações ficcionais que fazem com que os leitores questionem suas origens e sua história, pois, ao se mostrar no relato uma identidade escravagista em luta, o leitor é levado a compreender que havia ali, no mínimo, dois povos em cena – um em condição mais privilegiada que o outro, configurando-se, assim, a tensão entre explorador versus o explorado, não sendo apagada a existência daqueles que se constituíram por meio da fuga e da luta.

⁹ Adotamos, para os propósitos deste texto, o conceito de decolonialidade como elemento indispensável de resistência negra frente aos violentos processos de colonização, principalmente no contexto pós-independência das nações africanas. Isso porque tal conceito emerge da necessidade de se pensar o processo colonizador não como algo estático e finalizado com a emancipação dos países, mas que adota outras formas de subjugação, tais como a consolidação de estereótipos e a própria colonização do pensamento, que hierarquiza relações sociais, fragmenta identidades e legitima violências e arbitrariedades de um poder hegemônico constituído. Sendo assim, entendemos decolonialidade, aqui, segundo as palavras de Colaço (2012, p. 8), como um movimento “que reflete sobre a colonização como um grande evento prolongado e de muitas rupturas e não como uma etapa histórica já superada.” Utilizamos o conceito para delinear as constantes resistências, em um processo de tomadas contínuas de posição, de modo a desnaturalizar processos colonizadores ainda tão presentes nas relações sociais dos países invadidos e das culturas que insistem em preservar sua identidade.

Nos interstícios de um olhar-escuta atento do professor, ao realizar a leitura e análise da obra, pode-se fazer emergir questionamentos frente à unilateralidade das leituras autorizadas, que pertencem à história oficial, mas que silenciam uma identidade em detrimento da outra, o que a obra permite explorar, pois “[...] a construção do poder/saber pelo imaginário moderno/colonial subordinou e subordina as outras formas de viver-pensar-conhecer, a partir do momento em que são consideradas inferiores em todas as ordens e, muito especialmente, nesta última, do conhecer.” (SPYER; LEROY; NAME, 2019, p. 52).

Assim, as reflexões e as análises acerca da história tradicional possibilitam um rompimento com o que conhecemos por universalismo – aquilo que está imposto como verdade única e absoluta. O fazer pensar e repensar sobre os sujeitos e a história contribuem para a valorização de uma identidade nacional que, aos poucos, vai sendo reconstituída e questionada.

A narrativa juvenil apresenta uma pluralidade linguística ao nominar a personagem Zumbi, que evidencia diferentes povos como podemos constatar nos excertos que seguem: “– qual é o seu nome? / – Francisco. / O homem riu: / – Francisco é nome de branco, menino, você é preto! Qual é o seu nome?” (CHALUB, 2019, p. 29); “os líderes das senzalas passaram a chamar Francisco de Jaguará. / – Menino agora chama Jaguará? – perguntou Elório, caçoando. / – Eu mesmo escolhi. “Jaguará” quer dizer “gato”, em tupi. Aprendi com um índio, amigo meu.” (CHALUB, 2019, p. 36); e em “– Zumbi, seu nome é Zumbi, porque deixou os brancos cagando nas calças de medo. – E saiu gargalhando em êxtase por estar livre.” (CHALUB, 2019, p. 51).

Outro ponto importante a esse respeito, como acenado acima, é a evidência da linguagem de matriz africana: “o homem era de uma tribo que não falava o quimbundo, língua típica de Angola, e por isso não sabia dizer *zumbi*¹⁰, como a maioria dos outros.” (CHALUB, 2019, p. 51); ou “– Veja bem o sinhô, esse tar de Elório.” (CHALUB, 2019, p. 82).

Em outras palavras, a presença da linguagem oral usada pelos escravizados, designando o senhor – sinhô; e o emprego verbal estar -tar, termos muito comuns desde esse período histórico em questão, propicia a reflexão de que entre os povos que sofreram com a violência dos homens brancos, a língua registra o processo e permite a desmistificação de que há uma só língua. Assim, as cenas dos discursos na obra não esvaziam os sentidos diante do fato de que há uma referência, pois há uma nomeação sendo feita (o homem era de outra tribo, afinal!). Se for de outra tribo (cidade/estado/país) não há demérito, o que se tem é a presença de uma (algumas) diferente(s) cultura(s) em cena. Olhar para elas é olhar para os “Franciscos” que lutaram, resistiram e têm encontrado, em espaços como o da obra em questão, a sua visibilidade.

No âmbito da capoeira ou capoeiragem, mandinga¹¹ é o espaço mágico, nublado, o que não se consegue explorar. Na roda de capoeira, o sujeito toma força, quando é praticada, referindo-se ao espaço vazio que o capoeirista deixa para o outro, uma rasteira. A mandinga é um saber driblar na capoeira. Fora da roda da capoeira é um poder da potência, que toma força, some no tempo e no espaço e volta. Também pode estar associado à malandragem. O outro não encontra o que quer atacar, é um jogo, é o conviver do não saber. É o que se mostra no excerto: “– Sem a mandinga, menino, a capoeira é só ginga e pernada. Se você não for malandro, não consegue levantar quando cair no chão... E pode ter certeza, um dia você vai ter que levantar, porque todo capoeirista de

¹⁰ *Nzumbi*, ou simplesmente Zumbi é um termo quibundo que possui conotação mística, assim como a alma que vaga entre nós, ou do corpo morto que permanece agindo como se vivo fosse. A linguagem dos escravizados foi analisada por Clóvis Moura em *Dialética Radical do Brasil Negro* (1994). Segundo o autor, a linguagem das senzalas foi condicionada pela violência senhorial, baseada em coação e ao mesmo tempo contenção do que realmente gostaria de expressar e passavam a cumprir certos rituais de submissão expressos na linguagem. Essas formas só são quebradas quando, distantes dos seus repressores, abandonam esse código passivo e se entregavam a manifestações coletivas libertadoras, especialmente através da música.

¹¹ Para ampliar os conhecimentos sobre mandinga, consulte: CASTRO JR., Luís Vitor. *Encruzilhadas fotográficas de Marcel Gautherot: quando o corpo na capoeira é festa e labuta* (1940-1960). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2018.

verdade já caiu um dia.” (CHALUB, 2019, p. 43). Quais os sentidos não pejorativos que emergem da dança de matriz africana, como a capoeira, na obra? A mandinga supera a malandragem: esperteza é sapiência que se coloca no jogo das relações com o outro. É desse exercício que se fala quando os povos se colocam ao embate, pois a batalha é vencida para além da força, pois há a estratégia que atinge o corpo.

Dessa maneira, por meio das reflexões expostas, podemos verificar as possíveis aproximações da escrita juvenil destacadas na narrativa literária, necessárias para abordagens que permitem interrelações de sentidos entre o que se diz na obra e o que se percebe fora dela (no social). Na sequência apresentamos as relações da obra de Leonardo Chalub, *Palmares de Zumbi* (2019) com as características da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, cujas singularidades foram propostas por Fleck (2017).

3 APROXIMAÇÕES DA OBRA DE CHALUB (2019) COM AS CARACTERÍSTICAS DO ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MEDIAÇÃO

A literatura é o resultado de conhecimentos que são estabelecidos em uma sociedade constituída por valores culturais, econômicos e políticos. “A obra literária é um objeto social” (LAJOLO, 1988), pois, além de promover a interação entre o autor e o leitor, pode apresentar ideologias de diferentes sociedades e, pelo uso especial que faz da linguagem, possibilitar a concretização desses valores que se acentuam ao realizarmos as análises de narrativas híbridas de história e ficção da literatura juvenil brasileira, que trazem em sua constituição fatos, atos e elementos históricos revisitados pelos meandros da linguagem literária.

Para compreendermos o que vem a ser uma narrativa híbrida de história e ficção, apoiamos-nos no conceito de romance histórico explicitado por Fleck (2017), no qual ocorre uma combinação entre o *histórico* e o *ficcional*. Para o autor, “ao reconfigurar, ficcionalmente um fato histórico, o romancista, inevitavelmente, trabalha com um passado que foi já reconstituído pelo historiador.” (FLECK, 2017, p. 19).

Dessa forma, estamos explorando uma narrativa que ressignifica um momento histórico pelo viés da ficção e, dessa forma, contendo todas as possibilidades de simbologias e encantos que a literatura pode oferecer ao leitor. Assim, “uma vez alçada uma interpretação significativa desse texto híbrido, o sujeito leitor está consciente de que história e ficção constroem discursos e que a atribuição de juízos e valores a cada uma delas é inerente ao processo de leitura dos textos.” (FLECK, 2017, p. 19).

Por meio da narrativa ficcional, o leitor tem a possibilidade de pensar sobre o momento histórico revisitado e questionar a história e os desdobramentos sociais ocasionados pelo marco histórico. Assim, em *Palmares de Zumbi* (2019), de Chalub, a trajetória vivida por Zumbi e a luta dos povos escravizados que buscavam a liberdade são apresentadas ao leitor pelo narrador por meio do discurso direto entre as personagens que fornecem um olhar sobre a história de acordo com suas perspectivas individuais, como podemos observar em: “Eu sou preto, sempre fui. Agora meu nome é Zumbi, e eu vou é pra Palmares.” (CHALUB, 2019, p. 51).

A partir disso, recorremos a Sharpe (1992), que explicitou o conceito de “a história vista de baixo”, para se referir ao uso de fontes orais ou escritas do mundo mental e material que não estivessem sob o crivo da elite por historiadores hodiernos. Isso quer dizer que historiadores, hoje, começaram a recorrer a fontes históricas fornecidas por trabalhadores, camponeses, gente simples sobre a temática que pesquisam. A literatura híbrida de história e ficção juvenil brasileira tem adotado essa perspectiva para ressignificar o passado de nosso país, mais do que vemos que fazem os materiais de ensino de história. Por isso elas são consideradas por nós como vias privilegiadas de descolonização das mentes, das identidades e do imaginário latino-americano.

O diálogo entre personagens que, de fato, fizeram parte desse momento histórico, como Zumbi, sua companheira Dandara e seu tio Ganga Zumba, fornecem ao leitor essa “visão de baixo”, pois ressignificá-las, na narrativa ficcional, possibilita ao leitor refletir sobre como poderiam ser as relações de poder, de convivência, de amor entre elas e, acima de tudo, como era grandioso o desejo de ser livre e de enfrentar as injustiças que lhes eram impostas.

Fleck (2017), em seus estudos sobre a trajetória do romance histórico, apresenta-nos dois grupos principais de romances históricos: o acrítico e o crítico; e três fases dessas escritas híbridas: a acrítica, a crítica/desconstrucionista, e a crítica/mediadora. Assim, o teórico organiza essa produção em cinco distintas modalidades de expressão do romance histórico: o romance histórico clássico scottiano, o romance histórico tradicional, o novo romance histórico latino-americano, a metaficção historiográfica e o romance histórico contemporânea de mediação. Essa última modalidade explicitada por Fleck é relevante para nossos estudos porque,

[...] os romances históricos contemporâneos de mediação, justamente pela redução da complexidade na linguagem e na estrutura, atingem a um público leitor bastante amplo, uma vez que podem ser compreendidos por jovens leitores ainda em formação, ou mesmo por aqueles leitores adultos que, ao longo de seu processo de escolarização, não tiveram a oportunidade de se tornar leitores críticos, considerando-se essa a etapa mais avançada do processo de formação de leitores que, em nossa realidade escolar, poucas vezes chega a acontecer. (FLECK, 2017, p. 106).

Dessa forma, acreditamos que as narrativas híbridas de história e ficção da literatura juvenil brasileira, que apresentam o narrar crítico mediante a história, aproximam-se das especificidades escriturais da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, inerentes a obras híbridas propostas por Fleck (2017). Segundo o autor, tessituras escriturais decoloniais apresentam as seguintes características:

1- Uma releitura crítica verossímil do passado [...] para conferir um tom de autenticidade aos eventos históricos renarrativizados no romance [...]. 2 - Uma narrativa linear do evento histórico recriado. [...]. 3 - Foco narrativo geralmente centralizado e ex-cêntrico [...] que comparte dos propósitos da nova história de evidenciar perspectivas “vistas de baixo” [...]. 4 - Emprego de uma linguagem amena, fluída, coloquial. [...] As frases são, geralmente, curtas e elaboradas de preferência na ordem direta, e com um vocabulário mais voltado ao domínio comum que ao erudito. [...] 5 - Emprego de estratégias escriturais bakhtinianas. 6 - Presença de recursos metaficcionais. (FLECK, 2017, p. 109-111).

A primeira característica explicitada por Fleck (2017) dá-se na diegese de Chalub (2019) por meio da trajetória biográfica de Zumbi, na qual um adolescente vai sendo transformado em um guerreiro pelas dificuldades que a vida lhe impõe. Assim, expressa-se uma releitura crítica e verossímil do passado na reconstituição de eventos que forçam a construção da identidade da personagem, como podemos observar em: “Zumbi, que também tentava recuperar o fôlego perdido nas duas disputas seguidas, sentou-se para ver os outros jogarem [...]. Menino, você se cansou? Se quer ser um guerreiro um dia, vai ter que aprender a lutar sem se cansar.” (CHALUB, 2019, p. 61-52).

A segunda característica, uma narrativa linear do evento recriado, expressa-se explicitamente pela exposição imbricada da biografia de Zumbi na narrativa, cujo percurso possibilita ao leitor constituir imagens da infância, da juventude e da fase adulta da personagem; além disso o uso de marcadores temporais favorece a linearidade na exposição das ações, como no excerto: “os meses seguintes não foram fáceis. Zumbi treinava desde o momento que acordava até pouco antes de dormir, em uma rotina exaustiva, que modificou seu corpo.” (CHALUB, 2019, p. 80).

A terceira característica, foco narrativo centralizado e ex-cêntrico, sob uma perspectiva de “vista de baixo”, destacamos o sofrimento de Dandara, ao descrever as agressões que o pai investia contra sua mãe e ela, assim, apontando um problema social que é a violência contra a mulher dentro de seu próprio lar, fato que é recorrente na sociedade atual e explorado na narrativa, como podemos

identificar na seguinte passagem: “Chorava escondida, e apenas quando o pai saía para caçar ela conseguia respirar aliviada. Sempre que o homem retornava, ela sentia medo. Quando as agressões começavam, tremia e soluçava.” (CHALUB, 2019, p. 110).

Na obra, mulheres como Dandara, companheira de Zumbi; Sabina, sua mãe; e Aqualtune, sua avó ganham visibilidade pela forma como enfrentavam as agruras impostas pela escravização e pelo fato de serem mulheres nesse contexto em que a figura feminina sofria um apagamento, por isso tornam-se figuras importantes na constituição da identidade do homem guerreiro e forte, capaz de lutar pelo seu povo – Zumbi.

No que diz respeito ao emprego de uma linguagem amena, fluída e coloquial, com frases curtas e com um vocabulário mais voltado ao domínio comum, a quarta característica, podemos confirmar com o exemplo trazido do seguinte excerto: “durante o tempo de treinamento, Zumbi percorreu, nos mocambos de Palmares, diversas rodas de capoeira, comandadas mestres.” (CHALUB, 2019, p. 81).

Em relação ao emprego de estratégias escriturais bakhtinianas, a quinta característica, destacamos que a presença da polifonia e da intertextualidade são perceptíveis na obra, pois dialoga com discursos, com outras vozes, outros textos, como também a interlocução entre o texto e os fatores externos à língua, isto é, os fatores sociais, históricos, culturais e ideológicos que permeiam o mundo e a sociedade da época. A exemplos: “a guerra que simbolizava o fim do Quilombo dos Palmares terminava, antes mesmo de começar, de acordo com a história arquitetada pelas elites” (CHALUB, 2019, p. 159); “os homens de Palmares começaram a correr em direção aos fugitivos, passando como um enxame ao lado de Zumbi, que permaneceu imóvel. Ele olhou para o céu e viu o sol a se pôr. Como previu, a batalha terminou antes mesmo de anoitecer.” (CHALUB, 2019, p. 169). Dessa forma, há na tessitura do relato o imbricamento entre o discurso representativo da elite da época e o dos quilombolas e ambos se põem em diálogo no relato.

Quanto à intertextualidade, quinta característica, há a presença de letras de músicas cantadas ao pé do berimbau: “No navio negreiro eu vim, olé, / eu fui preso com grilhão, / fui escravo de engenho, / agora não sou mais não” (CHALUB, 2019, p. 84).

Vale ressaltar que não identificamos a sexta característica na narrativa, a presença de recursos metaficcionais. Acreditamos que este seja um recurso menos presente nas narrativas juvenis, pois esse é o momento em que a própria produção da narrativa é explicitada e analisada no contexto da diegese, contendo um diálogo entre a voz enunciativa do discurso e seu narratário.

Assim, por meio da análise do relato ficcional *Palmares de Zumbi* (2019), de Leonardo Chalub constata-se como possível a sua aproximação com as características de um romance histórico contemporâneo de mediação, pois a narrativa apresenta, com maior ou menor profundidade, todas as prerrogativas que balizam essa modalidade de narrativa híbrida de ficção e história definida por Fleck (2017). Isso aproxima essa obra dos projetos estéticos literários decoloniais relevantes às ações de descolonização das mentes, das identidades e do imaginário na América Latina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo ao longo das reflexões sobre a obra *Palmares de Zumbi* (2019), de Leonardo Chalub, foi reforçar a ideia de que, por meio da literatura juvenil brasileira, é possível que o leitor em formação entre em contato com temáticas históricas, amplie seus conhecimentos sobre a linguagem naquilo que ela diz, mas, também, no que ela não diz, mas se torna presente e constitutivo dos sentidos. Mais do que um implícito, a linguagem literária permite o desdobrar dos sentidos para fazê-los gerar novas ordens de significância, tão ou mais importante do que o expresso na letra que se inscreve e que deseja ser uníssona.

Essas linguagens são apresentadas a esse leitor pela ficção, possibilitando-lhe a ampliação de conhecimentos acerca da temática da escravização de povos africanos no Brasil e a luta por libertar-

se, neste nosso caso, e da própria linguagem em si. Isso pode instituir um processo de formação do leitor decolonial que, gradativamente, pode passar a refletir sobre a linguagem e que, assim, conceba que, por meio dela, expressam-se diferentes imagens, discursividades sobre um mesmo fato ou personagem, de acordo com a ideologia que promove e impulsiona essa escrita.

Considerarmos que, com base em nossas análises envolvendo as perspectivas dos autores utilizados para a leitura da obra, as discussões foram amparadas pelo viés decolonial. Vale ressaltar que a literatura, como manifestação artística tem uma linguagem própria, não sendo obrigada a representar um momento histórico que esteja condizente com o discurso historiográfico. Desse modo, a liberdade de criação não está presa ou ligada às convenções políticas, econômicas ou sociais.

Cabe, por fim, ressaltar que nossas análises estão direcionadas ao professor do Ensino Fundamental, aquele que pode efetivar o processo de formação do leitor literário decolonial desde os anos iniciais na escola, conduzindo esse processo no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CHALUB, L. *Palmares de Zumbi*. São Paulo: Nemo, 2019.
- COLAÇO, T. L. *Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.
- FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.
- HIRAN, A. F. G. *Sociedade brasileira: uma história*. São Paulo: Record, 2000.
- LAJOLO, M. *O que é literatura*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leilão [et.al]. 4 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade – o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 32, n. 94, p. 1-18, junho/2017.
- MOURA, C. S. A. *Dialética Radical do Brasil Negro*. São Paulo: Anita, 1994.
- PREVIDELLI, F. *Domingos Jorge Velho: o bandeirante que aniquilou o Quilombo dos Palmares*. Aventuras da História. São Paulo: Uol 2020. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-domingos-jorge-velho-o-bandeirante-que-aniquilou-o-quilombo-dos-palmares.phtml>>. Acesso em: 20 de mar 2023.
- SHARPE, J. A história vista de baixo. In: Burke, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 39-64.
- SOMMER, D. *Ficciones fundacionales: las novelas nacionales de América Latina*. Tradução de José Leandro Urbina; Ángela Pérez. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- SPYER, T.; LEROY, H.; NAME, L. Zulma Palermo: a opção decolonial como lugar-outro de pensamento. Tradução de Bruna Macedo de Oliveira. *Epistemologias do Sul*, v. 3, n. 2, p. 44-56, 2019.
- VALADA, W. *Zumbi dos Palmares: por uma educação antirracista*. Ponta Grossa, PR: Monstro dos Mares, 2020. Disponível em: https://monstrosdosmares.com.br/wp-content/uploads/2020/11/zumbi-dos-palmares_walter-vadala_WEB.pdf. Acesso em: 20 mar 2023.